

Introdução

Nos anos trinta, Heidegger dedica ao tema da vizinhança entre poesia e pensamento alguns dos seus mais notáveis textos. No inverno de 1934-1935, ele ministra o primeiro curso sobre a poesia, no qual ele interpreta os hinos de Hölderlin intitulados “Germânia” e “O Reno”. E, em 1936, ele publica o primeiro ensaio sobre o tema intitulado “Hölderlin e a essência da poesia”. Neste ensaio, Heidegger considera cinco versos em que o poeta poetiza a própria essência da poesia e os interpreta a seu modo. Mas, segundo Françoise Dastur, na mesma época o filósofo já havia lido três outros poetas que mais tarde farão parte dos seus comentários sobre a poesia.¹ A Rilke, Heidegger, em 1946, dedica o texto “Para que poetas?”. Além de Stefan George e Georg Trakl, que sem dúvida depois de Hölderlin é o poeta ao qual Heidegger se sente mais próximo e pelo qual ele tem grande admiração. Na década de 50, ele dedica a estes dois últimos poetas alguns dos mais belos textos reunidos em *A caminho da linguagem*, publicado pela primeira vez em 1959.

Com os poetas, o filósofo pretende encontrar na linguagem uma abertura para aquilo que nos falta, pois, para ele, o homem precisa novamente aprender a morar na linguagem. Mas, a linguagem aqui não se resume a um instrumento de expressão. Se assim o fosse, a linguagem estaria a serviço do pensamento e não o contrário. No entanto, o homem não consegue mais conceber a linguagem senão como instrumento disponível que possibilita a comunicação entre os homens, isto é, a linguagem é vista exclusivamente nos dias de hoje como meio.

Por isso é que, segundo Heidegger, para pensar a linguagem, é preciso penetrar na fala da linguagem e não na fala do homem. Somente assim é possível alcançar o âmbito no qual a linguagem nos confia de fato o seu modo de ser. O homem só pode realmente falar à medida que escuta. Na verdade, segundo o filósofo, o dizer dos mortais é essencialmente resposta. Torna-se imprescindível,

¹ Cf. DASTUR, F., “Heidegger et Trakl: le site occidental et le Voyage poétique.” In Noesis, Nº 7, *La philosophie du XXe siècle et le défi poétique*, 2004.

portanto, que o homem escute a linguagem quando ela fala. E para Heidegger a linguagem fala primeiramente no poema.

No texto *Que é isto - a filosofia?* Heidegger afirma que sem uma suficiente reflexão sobre a linguagem jamais o homem saberá o que é a filosofia como uma privilegiada maneira de dizer. No entanto, pelo fato de a poesia em comparação com o pensamento estar de um modo diverso e privilegiado a serviço da linguagem, torna-se necessário, para que a filosofia possa novamente experimentar de que modo ela é, discutir a relação entre pensar e poetar, pois entre ambos impera um oculto parentesco porque ambos, a serviço da linguagem, por ela devem se sacrificar.

Assim, a poesia e, mais especificamente, pelo menos num primeiro momento, a poesia de Hölderlin, o poeta da poesia, surge como uma abertura para o pensamento do ser. Exatamente porque o discurso poético parece ser o único capaz de dar conta do que não é meramente representacional. Para Heidegger, a poesia não pode ser entendida como uma realização cultural do homem e, por conseguinte, não pertence ao âmbito do progresso. Tudo que o homem produz tem a sua necessidade e da mesma forma o seu mérito, mas a poesia se opõe a este estado de coisas.

Heidegger refere-se aqui à racionalidade imperante no mundo da técnica, onde todo ente torna-se reserva e peça de reposição. Por isso o filósofo diz que o mundo da técnica é, no seu sentido mais amplo, a instrumentalização total, onde até o pensamento torna-se instrumento, podendo, dessa maneira, servir à dinâmica cada vez mais racional da organização total.

Com isso, pretendo discutir no primeiro capítulo o problema da técnica, pois para Heidegger a linguagem técnica, desenvolvida em sistemas de mensagens e sinais, oferece a mais violenta e perigosa agressão ao caráter próprio da linguagem. Com a dominação da técnica e com a transformação da linguagem em meio, é o mundo que se perde, restando apenas dados que não passam de mera informação.

Por outro lado, a poesia torna-se a cada dia mais estranha diante deste estado de coisas. Por isso, Heidegger se decide pelo encontro com a poesia. Este é o tema do segundo capítulo no qual pretendo abordar as primeiras interpretações dos poemas de Hölderlin. Nelas é possível encontrar grande parte da reflexão feita por Heidegger acerca da essência da poesia.

Para o filósofo, a poesia não é de maneira alguma algo que se insere na realidade e reclama por um resultado. No entanto, é na poesia que os homens se reúnem sobre a base de sua existência. E, com ela, chegam ao repouso onde estão em atividade todas as relações. O poeta ao dizer a palavra essencial nomeia pela primeira vez o ente. A palavra dá ser e isto quer dizer que a linguagem não é expressão nem apresentação, mas doação de ser. Assim no terceiro capítulo pretendo considerar a pergunta pela linguagem que, segundo Heidegger, só pode se dar a partir da própria linguagem. É com esta reflexão que Heidegger busca saber o significado do ato de nomear, mas para isto ele precisou descer a uma dimensão mais profunda, onde a palavra pode mostrar toda a sua força doadora.

Finalmente, no último capítulo, pretendo abordar a questão da escuta da linguagem, ato que só se torna possível quando o homem compreende a palavra não apenas como signo que remete ao significado, mas como abrigo permanente, capaz de arrancar do esquecimento abissal o próprio existir das coisas. Para Heidegger, é este dizer e ao mesmo tempo a escuta deste imenso silêncio que permite ao homem tornar-se mortal, impedindo dessa maneira que ele permaneça congelado na idéia do animal racional.